

# São Roque de Minas Vargem Bonita Medeiros

Um abraço às nascentes  
Pelas nascentes histórica e geográfica

**Onde se tem uma vista da paisagem palmeriana na região das cabeceiras,  
e se dará o abraço a uma das nascentes do rio São Francisco  
na Serra da Canastra.**

Levantamos bem cedo no sábado, tomamos um reforçado café da manhã e rumamos para a serra da Canastra e entorno, que é uma vasta região, não apenas o cartão postal das poças d'água cristalinas em meio aos capins e vegetação rupestre, que todos conhecemos. Para lá fomos o Murilo e eu vistoriar as condições das estradas de terra, uma vez que por aqui breve passaremos de ônibus. Ao volante num pálio da prefeitura, o senhor Célio Alves que já conhecia aqueles caminhos, passando pelo caminho mais curto, o de Doresópolis. Sem maiores problemas, na noite anterior no hotel aproveitara para descrever um roteiro a ser percorrido por terra cruzando os primeiros cursos d'água formadores do rio São Francisco.

São Roque de Minas é daquelas cidadezinhas típicas de Minas Gerais encravadas nas montanhas. Seu antigo nome era Guia Lopes, herói para uns e vilão para outros, no contexto da guerra do Paraguai. Taunay imortalizou-o em “Inocência”. Situada nas fraldas da Canastra, tem seus contornos delineados pelos altos montes e picos que a cercam. Além do rio São Francisco (a Casca d'Anta é uma cornucópia de riquezas) daqui se espalha para todo o Brasil os famosos queijos Canastra. Daqui também está se espalhando para todo o vale o turismo ecológico, dentro de planos, padrões e critérios sustentáveis e ecológicos. As fazendas tradicionais descobriram um verdadeiro veio ou filão de diamantes, adaptando-se aos novos tempos de desenvolvimento sustentado. Desde o padrão rústico até o sofisticado. A 30 km, seguindo os passos de São Roque no ecoturismo (esta situa-se a 18 km do rio), fica Vargem Bonita a meio caminho para a Casca d'Anta, a primeira cidade, o primeiro núcleo urbano banhado pelo rio São Francisco. Esta cidade ao lado de Medeiros e Doresópolis, são pequeninos cartões postais entre montanhas, com população urbana em torno de mil habitantes, das menores de Minas Gerais. Pelo caminho, pequenas fazendas de gado leiteiro, e após uma curva, uma casa de fazenda bastante rústica e florida com cobertura de ardósia, com as paredes mostrando as marcas do tempo.

Lugares bonitos lembram o bucolismo e a poesia:

*Quando o corpo recebe o primeiro sinal. a nascente do rio.*

*ela fez-se/ fino pulso/ fio de cobre /torneira aberta/ gotejamento/ miúda minou da grotta/ surdiu da rocha/ volteando pelo caminho: (...) //*

*O início da viagem na serra da canastra. a descida da cachoeira de casca d'anta dentro de um barril.*

*água desce murmurosa/ entre as pedras brune o musgo/ e dispõe-se nos permeios/ na garganta institui-se o funil/ é gerado o perigo – a queda – (...)//*

*o barril afunda n'água/ e torna a emergir/ trançado em cilíndrica aparência/ ele nos contém e conduz/ ao profundo júbilo/ que reserva a queda// casca d'anta é o início/ das águas que escorrem/ por isso mais límpida/ sua contribuição/ao rio que será (...).*

Álvaro Andrade Garcia, in:

“Viagem com o rio São Francisco – De Casca D'anta...” .

Ainda hoje nesta região se pratica a transumância, que é a migração periódica do gado da parte baixa das cotas

900 no inverno, para as altas montanhas acima de 1.200m de altitude no verão, domínio da paisagem rupestre coberta por capim “macega” – gramínea dos campos de altitude que quando seco e crescido dificulta o trânsito - em meio às liliáceas e outras diferentes espécies rupestres, onde as árvores não vicejam. Quando muito estas estão aos tufos no que prefiro chamar de ‘mato dentro’, os capões robustos que surgem das gargantas e encostas apertadas dos vales profundos e úmidos.

A serra da Canastra é um tijolo lançado do espaço pelos Titãs ou uma sandália de pedra perdida na noite dos tempos por um enfurecido deus Tupã. Vista nas imagens de satélite, a imensa formação escarpada já imóvel junto aos contrafortes da serra Brava, das Sete Voltas, do Tabuão, da Zagaia, da Babilônia, e todos aqueles planaltos que a circundam enquanto a vista alcança. Preservar este conjunto orográfico é vital para as centenas de nascentes que se lançam nos abismos em cascatas, fluindo não só para a bacia do São Francisco, mas para o rios Grande, Araguari ou Velhas, Paranaíba e outros afluentes ou formadores do rio Paraná. Os municípios de Delfinópolis e Sacramento também são abrangidos pelo Parque Nacional da Serra da Canastra, porém situam-se na bacia do rio Grande/Paraná.

Certa vez perdi meus óculos de sol nas macegas destas alturas, e sempre que aqui chego, brinco com os são-roquenses: se virem uma ema ou siriema (estas cantam pelas ruas nas frias manhãs), com óculos e um lenço de seda no pescoço, saibam que os óculos são meus, porém o lenço é da mulher que se perdeu há tempos nos ermos, hoje uma lenda. St. Hilaire cruzou nestas alturas com

...“uma série de carros puxados por três ou quatro juntas de bois, carregados de toucinho e conduzidos por homens brancos [ainda vigorava a escravidão]. Perguntei-lhe de onde vinham e fiquei sabendo que tinham partido de Araxá havia doze dias e seu destino era S. João del Rei, onde deviam chegar ao fim de um mês.”

Nestas alturas hoje imperam e uivam os lobos, vagueiam tamanduás, onças, raposas e outros carnívoros, desdentados, roedores, répteis e outros, além de uma variada fauna alada. Para quem quer ir mais longe sobre os carnívoros em extinção: [www.procarnivoros.org.br](http://www.procarnivoros.org.br), e para aqueles que não esquecem os uivos dos lobos nas noites de lua cheia e dos ventos uivantes destas montanhas, a melhor leitura é o antológico “Os lobos não choram”. Um lobo é sempre um lobo, um animal dócil como qualquer outro, que merece o nosso respeito.

Mas as nascentes do grande rio ficaram na obscuridade por longo tempo devido à imensidão do território e às dificuldades de acesso ao *interland*, conforme se lê no austero St. Hilaire, um dos primeiros pesquisadores a percorrer aquelas paragens desoladas, em 1818:

“Descreverei na minha “Viagem às nascentes do rio S. Francisco”, a cascata da Casca d’Anta, de que obra nenhuma que eu conheça, falou até aqui. Vi essa cascata sair da montanha; mas devo assinalar que não observei o ponto em que suas águas se escapam da terra. Foi, aliás, nos nossos dias, unicamente que se começou a ter idéias mais precisas sobre as nascentes do S. Francisco. Antigamente, diz o historiador do Brasil, julgava-se que o S. Francisco saía de um lago famoso em cujas margens se situava a cidade fabulosa de *Manoah*, e pretendia-se que os naturais do país usavam ornatos de ouro. Fizeram-se pois, tentativas para chegar às nascentes do rio, e para esse fim, organizaram-se expedições em todas as capitânicas do Brasil. No entanto, esses esforços não tiveram o resultado ambicionado, pois que, se se subiu o S. Francisco até distância considerável do oceano, em 1810 Southey ignorava ainda em que lugares começava esse rio, e supunha que podia nascer das mesmas montanhas que o Paraguai e o Tocantins (*Hist. of Brazil*, I, p. 534). Obs: Depois que tudo o que precede estava escrito, encontrei a frase seguinte na última obra de Eschwege: “Perto da da fazenda da Dasca d’Anta chega-se a um rochedo cortado a pique, que tem certamente mais de mil pés, e pertence à Serra da Canastra; lá escapa-se de uma profunda depressão uma das principais fontes do rio S. Francisco, que forma uma cascata digna de ser vista”. St-Hilaire, em: Viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Como o sábio francês cita em “Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”, para “descrever e para conhecer este magestoso país, temos que nos situar ora no real, ora no imaginário”, e assim também vou descendo as águas de mistério e tecendo com paciência uma rede. O referido lago encantado não é outro senão aquele que ora podia estar nos Andes peruanos, ora nas selvas de onde hoje fica Roraima, o Manoah-Parima, ora no centro-oeste brasileiro. Essas conjeturas fabulosas injetavam ânimo nos desbravadores, e foi assim embrenhando nas selvas que a geografia brasileira foi desvendada. Um mapa holandês de 1650 já trazia esse lago. Ainda hoje 500 anos após a descoberta da foz, as nascentes são obscuras, e tenho em mente um projeto para “redescobri-las”, e estender as áreas

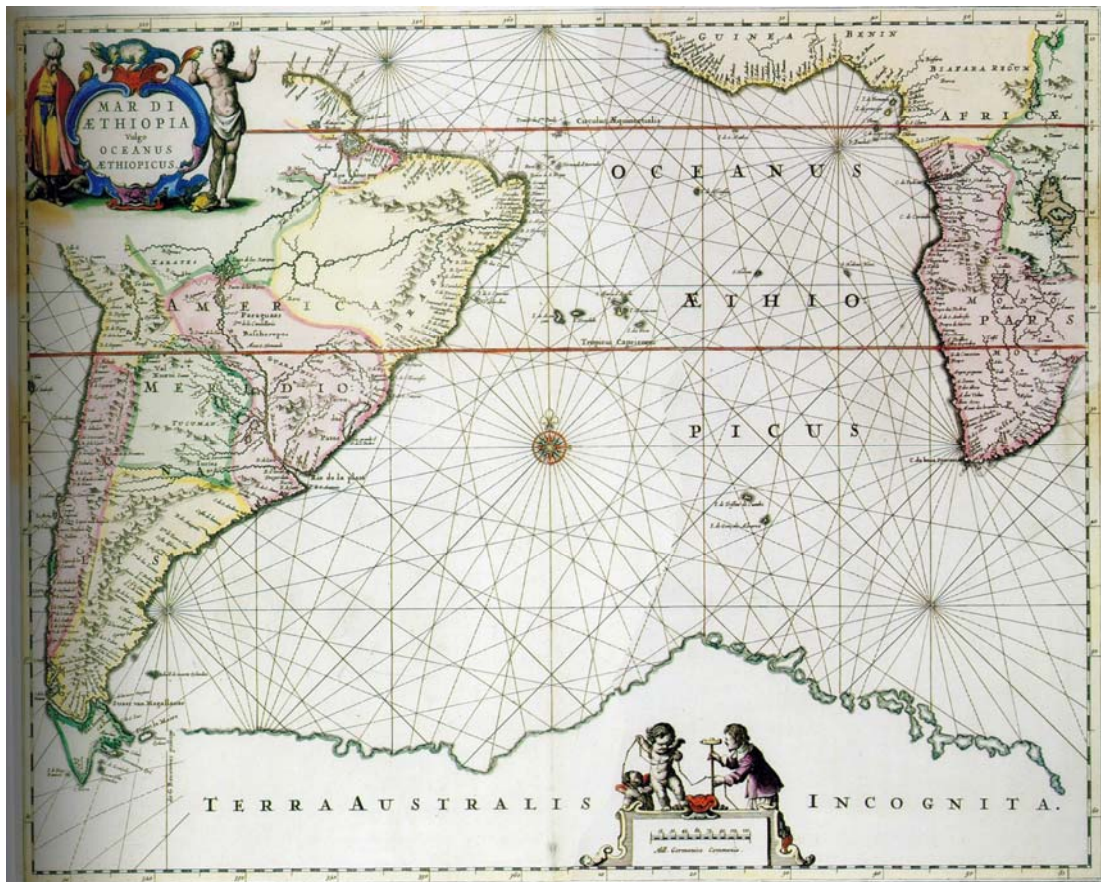
protegidas às nascentes do Samburá. Na citação acima hoje sabemos que não era infundada a lenda, uma vez que tributários do Tocantins, do S. Francisco (rio Preto) e do Paraná tem nascentes comuns nas “Águas Emendadas”, hoje uma estação ecológica do Ibama, a poucos quilômetros de Brasília, e não sendo propriamente um lago, é uma área bastante alagadiça, pantanosa.

Estamos preocupados com os rios e as lagoas, os lobos, os tamanduás, é verdade, e no caso do São Francisco que conheço de perto, penso que nós brincamos com ele, como se tivéssemos mais um de reserva. O grande rio é, desde as nascentes, lendário e mágico, ou assim cada um o vê, nele navegando ou com ele sonhando:

“Conta uma lenda que, em noites de lua cheia, São Francisco desce em carne e osso, da estátua que lhe fizeram na entrada do Parque Nacional da Serra da Canastra, e passeia pela imensidão da paisagem. Pelo caminho, ele vai recontando os animais, como o lobo-guará e tamanduás-bandeira (protegidos ali da extinção). Ajunta os que se perderam. Cura os que estão feridos. E colhe ramos de arnica e carqueja, que são remédios para todos os males.

Quando a madrugada é alta e a manhã não tarda, o Santo, já cansado, bebe a água da nascente e lava ali o seu rosto. É quando ele, que se faz peregrino para além da área protegida do parque, levanta o seu olhar compadecido para o curso do rio e seu povo. Um olhar que parece dizer: ‘Não adianta proteger o veio que nasce, e matar o corpo que anda.’” Ronan de Freitas Pereira, presidente da Vallé, do grupo Carfepe, empresa de biotecnologia em Montes Claros-MG, in: caderno “JB Ecológico” n° 01, Rio de Janeiro, 31/03/02.

Fico surpreso ao ler que também executivos de grandes empresas abraçam o rio, vejo que assim as águas poderão correr como sempre correram e poderei dormir mais sossegado. Dormir sossegado? Maior a gratidão ao saber que a fábula acima foi resgatada pelo engenheiro Ronan, beatlemaníco, voador de asa delta e vejo agora pelos jornais, fabulista, contista, encontrando em meio aos seus inúmeros afazeres de homem de negócios tempo para dedicar ao rio que tão bem conhece. E acima de tudo meu amigo e compadre. Quando tratamos de águas, montanhas, da natureza em geral, dos planetas e coisas afins, escapulimos do dia a dia, do mundo bitolado dos negócios, da vã técnica, da vã ciência, e caímos no amplo mundo dos pensadores e dos filósofos. A mitologia é outro vasto mundo aberto sobre o passado e o futuro das águas e tudo o mais, com as suas cosmogonias dos tempos remotos para explicar as origens dos mundos.



A “**Carta de Jan Jansson**” (1588-1664), elaborada em 1650, tem no centro o Atlântico Sul, ladeado pela América do Sul e a África, vendo-se ao centro as supostas nascentes do S. Francisco e Paraguai. De: “O Tesouro dos mapas – A cartografia na formação do Brasil”. Instituto Cultural Banco Santos. S. Paulo. 2002.

Percorrer as estradas de terra cruzando os primeiros afluentes do rio São Francisco, vem atraindo pessoas que buscam novas paisagens, horizontes e realidades. Indo mais além até Tapira, Sacramento, Delfinópolis, São João Batista do Glória e Capitólio, subindo e descendo pelas estradas curvas de terra batida, pensamos logo estar naqueles cenários de filmes iranianos. Quem se deslocar até a Canastra saindo de Iguatama pela ponte da carranca na margem esquerda, e retornando pela direita, ou pelo sentido inverso tanto faz, percorrerá o circuito das dez cidades-mães do São Francisco (somando as citadas acima chegam a quinze cidades), e verá todas essas belezas, cruzando um a um por pontes e pontilhões todos os pequenos tributários das cabeceiras, que vem descritos mais adiante.

### **Serra da Canastra, o Parque**

Ao chegar em Brasília há dois anos e meio, descobri no Geoprocessamento do Ibama, conversando com a técnica Maria Vitória, uma situação ou fato novo no mínimo inusitado: o parque não é tão grande quanto deveria ser. Vamos aos registros, aos *emails* da época:

“...Vitória, estive aí ontem, seguirá breve para você cópias dos *folders* do PN da Serra da Canastra, com as observações: neles é dito possuir uma área de 71.525 hectares, mas o decreto de desapropriação diz 200.000 hectares. Qual é o correto, se ambos são publicações do Ibama? Em qual acredito?...” (05/09/2001). E ela responde-me nos seguintes termos: “A área correta do PN da Serra da Canastra é mesmo 200.000 hectares, pois não temos nenhum documento oficial onde fala que a área é de 71.525 hectares. Quanto à nascente do rio São Francisco, nós não temos permissão para mudar a base hidrográfica que é do IBGE, mas ...”. Este *email* de 08/03/2001, eu o encaminhei a bem

de se criar um movimento para a demarcação total daquele parque, aos seguintes destinatários:

[amda.bhz@zaz.com.br](mailto:amda.bhz@zaz.com.br); [biodiversitas@biodiversitas.org.br](mailto:biodiversitas@biodiversitas.org.br); [hiran.firmino@uai.com.br](mailto:hiran.firmino@uai.com.br);  
[abelardocarvalho.@hotmail.com](mailto:abelardocarvalho.@hotmail.com); [folha@folhadamanha.com.br](mailto:folha@folhadamanha.com.br); [folhamei@terra.com.br](mailto:folhamei@terra.com.br);  
[dep.ronaldovasconcellos@camara.gov.br](mailto:dep.ronaldovasconcellos@camara.gov.br); [cm605@pgr.mpf.gov.br](mailto:cm605@pgr.mpf.gov.br); [promotur@netfor.com.br](mailto:promotur@netfor.com.br); [fevasf@nwm.com.br](mailto:fevasf@nwm.com.br);  
[floralolinto@netfor.com.br](mailto:floralolinto@netfor.com.br).

Finalmente, agradeço-lhe nos seguintes termos: “Obrigado pelo interesse e profissionalismo demonstrado, enviando-me as informações sobre o PN da Serra da Canastra, cujos contrafortes aí estão, que é a parte inferior do mapa do decreto-lei (de desapropriação). É uma pena que apenas um terço da área tenha sido desapropriada, e uma extensa região das cabeceiras do São Francisco e do rio Grande/Furnas tenham chegado ao ponto que aí está e que lá se vê. Vamos continuar com as informações...”.

Assim, o Ibama considera como área efetiva o que diz o decreto de desapropriação de 1972 para fins estatísticos, mas só demarcou um terço da área, o que vem a ser um absurdo e a opinião pública não sabe; até mesmo no mapa oficial consta a área três vezes maior. Segundo ela, está aí um impasse: ou se demarca todo o Parque, ou o decreto volta ao Congresso para ser anulado e fazer valer apenas um terço do original.

Também vem dessa época minha posição contra a mineração predatória, em *email* enviado à autora de matéria na Folha da Manhã, de Passos-MG: “Tenho lido suas matérias nessa Folha e me surpreendi ao saber de mineração de pedra-de-são-tomé no chapadão da Babilônia, contrafortes da Canastra, observada em imagens de satélite pelo Inpe. Na minha opinião, é necessário antes de tudo licença ambiental através do estudo de impacto ambiental-EIA/RIMA, junto à Feam-MG, pela associação dos mineradores...”, em 15/12/99.

Com os dados em mãos, levei à plenária da assembleia da SBE para conhecimento dos congressistas e votação, a situação do parque e duas outras moções. Elas foram publicadas no *Informativo SBE* n.º 78, nov/dez de 2001, Campinas-SP, juntamente com outras 18, aprovadas que foram na Assembleia Geral do 13º Congresso Internacional de Espeleologia e 26º Congresso Brasileiro de Espeleologia, além do 4º Congresso de Espeleologia da América Latina e Caribe, eventos ocorridos em Brasília em julho de 2001. As moções foram assinadas por José A. Basso Scaleante, presidente da SBE e José A. Labegalini, presidente da UIS, e encaminhadas. Vamos à moção, referente a esta conhecida unidade de conservação:

“Ao doutor Hamilton Casara, presidente do Ibama, ‘para que seja demarcada em sua totalidade a área de 200.000 hectares do Parque Nacional da Serra da Canastra. Até o presente só foram demarcados 71.525 hectares da referida área, não obstante o Ibama tenha-se orientado oficialmente pelo decreto que prescreve área total de 210 000 hectares. Tal consideração, analisada pelo conjunto de membros votantes por assembleias foi considerada oportuna, tendo em vista a necessidade de fazer valer o disposto no decreto vigente”.

Como é dito à página 10 da Revista SBE “a implementação desses planos (e moções) será o desafio a ser vencido pelas novas diretorias da SBE, FEALC e UIS”. É bom esclarecer que o brasileiro José A. Labegalini foi eleito por quatro anos como presidente da UIS em acirrada eleição, presentes 43 países-membros. A sede da UIS fica em Monte Sião-MG (foi sede da SBE por dez anos), terra natal e onde vive o espeleólogo e engenheiro Labegalini, conforme se vê nos belos artigos do amigo José Carlos Faraco, que participaria da expedição, mas cancelou sua inscrição por motivos de força maior. Campinas é a atual sede da SBE.

Uma vez erradicada recentemente a mineração predatória de diamantes no leito e barrancos do rio no trecho entre Vargem Bonita e a Casca d’Anta, um novo tipo de exploração se vislumbra: a empresa sul-africana De Beers (a África do Sul controla 75% dos diamantes no mundo) vem pesquisando desde 1972 em estilo *laissez faire* e efetivamente com sondagens desde 1997, a área adquirida na serra da Babilônia em frente à Casca d’Anta a dois km. Terá início, assim, a mineração industrial, assentada em um rico veio de kimberlito na cratera de um vulcão extinto, visto com perfeição nas imagens de satélite. Outro vulcão extinto existe no topo da serra Brava, em pleno parque nacional. Nesses veios kimberlíticos estão 90% dos diamantes, os outros dez estão nos aluviões fluviais. O kimberlito é uma rocha magmática vulcânica brechada, essencialmente composta de olivina alternada e outros materiais; é um peridotito encontrado nas chaminés diamantíferas de Kimberly. É a rocha matriz do diamante, e ocorre sob a forma de



chaminés ou diques. A ampliação do parque para atender o decreto abrange essa área da Babilônia, assim como o topo, que será ocupado com lavoura de soja sem EIA/RIMA. Ambientalistas de todo o país vem denunciando este estado de coisas.

Sobre a importância deste parque, reporto-me a um estudo da Fundação Biodiversitas (1999), “Ações prioritárias para a conservação da biodiversidade do Cerrado e Pantanal”, e do mapa de prioridades para a conservação da biodiversidade de Minas Gerais, da mesma instituição. Descobrimos então que são duas as preocupações para com as nascentes do rio São Francisco: a primeira, demarcá-lo na sua totalidade, e a segunda, protegê-lo com ações de manejo. A legenda do mapa em “Ações...” diz para a serra da Canastra:

“importância biológica extrema”, além de indicar que “o manejo é a ação prioritária de conservação” do parque nacional.

Para a região da Mata de Pains o mapa diz:

“importância biológica muito alta”, e a ação prioritária indicada é “criação de uma unidade de conservação”.

### **Os primeiros rios, ribeirões e córregos**

Aqui os nomes dos cursos d’água vem da época dos portugueses desbravadores, das tropas de burros, do tempo da escravidão: serra da Canastra, rio Samburá, cachoeira do Forro, as Buracas (brucacas de couro grosseiro, hoje nome de um logradouro), etc.

Quem conhece bem as alturas da Canastra e planaltos do entorno é a senhora Renilda e o Reginaldo, cuja propriedade foi desapropriada no Chapadão do Diamante exatamente nas nascentes do rio São Francisco e hoje são hoteleiros locais bem sucedidos, além do Denilson, o vereador Valdir Cruvinel, o Rafael e o André Picardi, o prefeito Cairo. Nos altos platôs dominam as pastagens e o gado leiteiro, e mais embaixo as culturas de café em curvas de nível; mais recentemente chegou a cultura da batata irrigada por pivô central, uma forma de lavoura condenável para esta região de frágeis corpos d’água. Desde esta cordilheira com altitudes variando de 1.486 metros a 1.300 e 1.200 metros, avistamos as partes baixas nas cotas 900 e 700 metros até Iguatama junto ao rio, vendo-se aquele “mar de morros” de topos pardos e degradados dos *cambissolos* nesta estação fria e seca do inverno, lembrando os montes nevados setentrionais. Lá neve, aqui *pré-desertificação* por desmatamentos e sobrepastoreio, alguma deve estar muito errada.

Fiquei sabendo por um roda-pé de Pohl (Viagem no interior do Brasil), que “os portugueses distinguem um rio navegável e um que só se navega durante a época das chuvas com nomes diferentes. O primeiro chama-se *rio* e o último *ribeirão*. Chamam a um riacho *corgo* ou *córrego* e a uma fonte *olho*”. Acrescento a esta sinonímia os termos riacho, regato, o arroio gaúcho e até um *riozinho* maranhense, além dos *igarapés* e *igapós* amazônicos, que tudo somado forma a imensa rede hidrográfica brasileira, e no nosso caso, a bacia sãofranciscana que estamos percorrendo, como a seguir:

### **Rio Samburá**

Este rio guarda em si mesmo uma caixa de segredos e de polêmicas, que só virão à tona no devido tempo, não agora narrando por ocasião da expedição que não tem como objetivo desvendar segredos, mas sim lançar um grito de guerra pelos grotões da bacia.

O rio Samburá é o primeiro “grande” afluente da margem esquerda do São Francisco (ou é este daquele?). Nasce a uma altitude de 1.290 metros, na Serra d’Água, um contraforte da serra da Bocaina, na vertente sul do planalto do Araxá, no município de Medeiros, que tem altitude de 950 m. Recebe as águas do rio Santo Antônio e após percorrer 147 quilômetros deságua no rio São Francisco num desfiladeiro chamado cânion de São Leão, na cota 660 metros.

É um rio cênico coberto por mata-galeria de quaresmeiras e manacás-da-serra floridas de março a outubro, e uma sucessão de ipês amarelos e bosques verde-avermelhados em agosto e setembro, uma região de pastagens pardacentas no inverno e verdejantes no verão, entrecortadas por vales e montanhas. Constitui uma das belezas naturais

da bacia sãofranciscana. São paisagens palmerianas por excelência, saídas da pena do grande escritor Mário Palmério em Chapadão do Bugre, Vila dos Confins e O Morro das Sete Voltas (inédito).

### **Rio Santo Antônio**

É outro rio cênico, palmeriano. O rio Santo Antônio nasce na serra da Canastra a 1.360 metros de altitude com o nome de córrego Mata Cavalo em um braço, e córrego dos Cochos no outro, no município de São Roque de Minas. Deságua na margem direita do rio Samburá na cota 720 metros, após um percurso de aproximadamente 73 km. Recebe as águas do rio do Peixe, que banha São Roque. Como o Samburá, é um rio encaixado de montanha, um rio cênico de rara beleza, coberto por quaresmeiras e ipês em meio a pastagens entrecortadas por vales e montanhas.

Lendas. Lenda é o amarelo-pardacento que vai grudando nas páginas de um velho livro de lendas. Ninguém sabe de onde vem nem quando começou, e ninguém será capaz de retirá-lo. Onde tem fogo tem fumaça, onde tem amarelo-pardacento tem lenda, onde tem fenômenos e coisas instigantes, tem lenda. A lenda está na alma do povo, no seu imaginário. Sobre esses dois cursos d'água, vai aqui uma lenda que certa vez ouvi andando nos altos destas serranias, e está grudada na 365ª prega da saia de pregas de uma velha de 99 anos, como li naquele velho livro de lendas. O velho pescador Lico Paiva a contava assim:

Conta-se que Deus quando fez o mundo, já cansado, delegou a seu imediato deus brasileiro Tupã e ao filho deste, engendrar e rasgar nessa região montanhosa dois rios, juntando-os num lugar combinado. O pai levantou-se cedo e pôs-se a cavar o leito sem pressas. O filho acordou tarde, quando o pai já estava quase a meio do trabalho. Lançou-se atrás dele, cavando o leito à lufa-lufa, à flor da terra e com intrincadas voltas. Daí a calma e gravidade do Samburá, feito pelo pai, enquanto o Santo Antônio, obra do filho, mostra um caráter caprichoso e agitado. Entretanto, ambos os rios tem a marca de uma beleza singular, encontrando-se a meio caminho em um caprichoso abraço entre seixos rolados.

### **Ribeirão Ajudas**

O bonito ribeirão Ajudas nasce na cota 840 metros com o nome de córrego Fundo, no município de Medeiros. Após um percurso de 77 quilômetros deságua no rio São Francisco pela margem esquerda, na cota 640 metros e 13 quilômetros a jusante da foz do Samburá, município de Bambuí. E' um rio encaixado na forma de cânion no trecho inferior. Conta uma lenda local que João Alves era um fazendeiro mau que maltratava os empregados, e em vigança, foi lançado no despenhadeiro, rolando pelas corredeiras, vindo daí o temor que os pescadores tem de navegar pelos canions à noite.

### **Cânion do São Leão**

Cavado pelas águas do rio São Francisco ao atravessar uma formação calcária, na época dos dinossauros, o cânion do São Leão é um desfiladeiro com extensão de 35 quilômetros no rio São Francisco, com início a cerca de três quilômetros acima da confluência do Samburá com aquele, constituído por paredões cársticos ou calcários superiores a 80 metros de altura. Vai até cerca de três km a jusante da pequena cidade de Doresópolis. Aqui o rio São Francisco tem seu curso bruscamente desviado para a esquerda por um enorme paredão denominado "Igrejinha", que avança seu alto teto ou abóboda em ângulo de 45° sobre as águas agitadas até a outra margem. A Igrejinha é um maciço monolítico calcário em bizel, por onde passam debaixo as águas do São Francisco. O impacto das águas é tão forte que o rio muda bruscamente de rumo, querendo retroceder. Expedições de canoagem e outras até Iguatama e Três Marias tem largada na ponte do São Leão.

### **Rio Piumhi**

O rio Piuí tem uma extensão de 65 quilômetros e nasce a cerca de 1.015 metros de altitude no município de Piuí (ou Pium-hy) nos contrafortes do chapadão da Babilônia. Pertencendo à bacia do rio Grande, teve o seu curso desviado para o ribeirão Água Limpa na bacia do rio São Francisco quando da construção da barragem de Furnas para evitar extravasamento. O Água Limpa deságua três quilômetros abaixo da foz do Ajudas. Entre este rio e o ribeirão dos

Patos fica o encaixado Araras, que nasce no divisor com Furnas/rio Grande, no município de Pimenta, onde ambientalistas querem implantar uma APA.

### **Ribeirão dos Patos**

O ribeirão dos Patos nasce a 850 metros de altitude no município de Pimenta, próximo ao lago de Furnas. Tem um percurso de cerca de 65 quilômetros. Possui um rico ecótono de lagoas e banhados, ao lado de cavernas e paredões cársticos, como os do Capoeirão e Jatobá, na Mata de Pains. Divide os municípios de Pains e Pi-umh-y, e Doresópolis e Iguatama. Sua foz fica próxima aos limites dos municípios de Doresópolis e Iguatama, desaguando na margem direita próximo à lagoa de Inhumas. É um curso d'água cênico pelas belezas naturais que atravessa.

### **Rio São Miguel**

O rio São Miguel nasce na cota 875 metros com o nome de córrego da Barra, próximo à gruta do Angá ou do Mastodonte (fóssil descoberto em 1998), na divisa dos municípios de Pains e Córrego Fundo, divisores de Furnas do rio Grande. Banha aquela cidade e o distrito de Calciolândia, desaguando no rio São Francisco na cota 630 metros, entre os municípios de Iguatama e Arcos. Seu comprimento é de 53 quilômetros. Como o ribeirão dos Patos, corre paralelo a uma distância aproximada de trinta e cinco quilômetros no sentido sul-norte, atravessando toda a Mata de Pains por entre cavernas e paredões, um ecossistema cárstico do Grupo Bambuí. Ambos se enquadram como rios cênicos pelas belezas naturais. Porém - não é recomendado falar disto quando estamos descrevendo paisagens - além de cênico é um rio heróico, uma vez que recebe o esgoto e o lixo da cidade de Pains. Uma associação de moradores vem se organizando para revitalizá-lo desde 1998, liderados pelo fazendeiro Antônio Alves.

Este rio e o ribeirão dos Patos tem suas nascentes nos divisores com o rio Grande nos municípios de Pains, Córrego Fundo e Pimenta. Ambos correm no sentido sul-norte desaguando-se nos extremos da faixa banhada pelo rio São Francisco no município de Iguatama. Vamos a uma lenda sobre a origem dos rios-irmãos, contada por Lico Paiva:

Uma tradição diz que no início dos tempos o rio São Miguel corria onde hoje fica a Bocaina e Sumidouro. Naqueles tempos remotos o São Miguel caía no ribeirão dos Patos, nos limites dos municípios de Arcos, Pains e Iguatama. Nessas remotas eras eles eram dois rios fartos de peixes e riquezas da terra. Um dia um velho pescador dono daquelas terras, sentindo que ia partir, doou as duas metades do rio para cada filho. Mas tão logo o velho morreu eles se desentenderam pela posse da barra do rio que cada um dizia ser sua e ficava na altura do Capoeirão e Jatobá. Não chegando a um acordo, eles viram surpresos o rio São Miguel mudar de curso, e desde então eles correm paralelos do sul para norte, tão bonitos quanto antes em meio aos maciços calcários.

Desse tempo restou uma linha de ressurgências onde nascem os córregos do Atalho, Doce, Marins-Desterro e outros riachos. São tão parecidos nas suas origens, destinos e características, que podemos considerá-los gêmeos. São dois tentáculos abraçando a Mata, dois longos abraços, tendo cada um na sua foz duas pérolas, as lagoas de Inhumas e Piranhas. Mas ao contrário do Samburá e Santo Antônio, eles não mais se juntam. Os dois rios - o São Miguel e dos Patos - mais o grande rio São Francisco, unem a água com a pedra e a pedra com a água e as matas que os envolvem, num processo maravilhoso como aquele da formação das estalactites, estalagmites e outras maravilhas das cavernas, dos rios, das lagoas marginais e das matas. Não valerá a pena proteger tudo isto para esta e as futuras gerações?.

### **Lagoa de Inhumas**

A região das Dez Cidades Mães do São Francisco ou das Cabeceiras tem o privilégio de ter ao alcance da vista as nascentes de dezenas de pequenos rios, ribeirões, riachos e córregos, além de um complexo de lagoas anualmente alimentadas pelas águas das cheias daquele rio. Desconhecendo e burlando as mais elementares regras de respeito à natureza, fazendeiros medievais vem esgotando, drenando essas lagoas, acreditando mais no valor da terra do que da água. Será preciso que os deuses façam outra serra da Canastra com o desaterro das lagoas hoje assoreadas? Impedirão que os jequitibás cresçam e brote das folhas o orvalho? Quando a razão não convence, quando meu coração dói ao não vê-las mais cheias até as bordas, nem os casarões demolidos que as cercava, como as de



Cunhas, das Piranhas, Redonda, Preta e outras, há que se buscar a metáfora, a lenda. Aqui mais uma vez ela vem na voz de Lico Paiva, o velho pescador iguatamense:

“A lagoa de Inhumas e todas as outras suas irmãs rio abaixo, foram escavadas quando Deus fez o mundo. A terra retirada foi amontoada mais acima, surgindo assim a serra da Canastra. E das suas entranhas, de dentro das pedras e dos capins que se formaram, brotou um jequitibá gigantesco. E as suas raízes eram tão fortes e profundas que buscavam a água dos veios. Assim, dos veios de diamantes brotou veios de água cristalina. E do maior veio e do mais alto galho nasceu o rio São Francisco que rolou, rolou e caiu na Casca d’Anta rumando para o mar, tão longe que ninguém sabe onde fica. De outros dois veios dois galhos nasceram, surgindo os rios Samburá e Santo Antônio, que correram na vertente contrária. Para trás, contrário a todos os outros, de outro galho fluiu o Araguari, que correu e foi desaguar no Paranaíba e este no Paraná. E das folhas minou o orvalho e derreteram dos capins as geadas, que rolaram pelos flancos das escarpas, formando as cachoeiras que despencam pelos precipícios num eterno, cristalino e doce murmúrio.”

### **Córrego de Marins-Desterro**

O córrego de Marins-Desterro deságua no rio São Francisco após percorrer quatorze quilômetros. O córrego do Atalho corre paralelo a ele e vem sendo drenado e degradado a olhos vistos. O Desterro nasce em um brejo coberto de taboas e lírios d’água na fazenda Marins a 705 metros de altitude no município de Iguatama, a dois quilômetros de Jatobá e Bagres, com seus paredões e cavernas cobertos por mata estacional (subperenifólia). Meu pai que era observador, empírico, dizia que existe comunicação de córregos subterrâneos entre o ribeirão dos Patos e outros tributários. O brejo de Marins, antes uma lagoa e hoje coberto por vegetação aquática, teria origem em uma ressurgência, fenômeno comum em regiões cársticas. Nos meses de muita chuva minas cristalinas brotam nos tufo de capim e do bambuzal e escorrem para o brejo de Marins. Em anos muito chuvosos surgem ressurgências em Jatobá, detrás da vertente, e verdadeiros riachos de águas tempestuosas impedem a passagem a vau, cortando as pastagens em duas partes. Como é próprio desses veios d’água, dias depois desaparecem. As cabeceiras do brejo de Marins estão em parte protegidas, apenas uma pequena fração de 23 hectares, de propriedade do autor destes relatos, devendo ser averbadas como reserva RPPN – reserva particular do patrimônio natural - junto ao Ibama, na totalidade da área.

### **RPPN Vasco Vieira-Marins**

O minúsculo curso d’água de Marins-Desterro foi acima descrito por dois bons motivos: o primeiro porque mantenho a duras penas na sua nascente uma área remanescente de mata atlântica, que vem se reconstituindo como mata secundária desde 1981 nas cabeceiras do brejo, a ele ligado por corredor ecológico, onde vivem tamanduás-bandeiras, tatus, serelepes (esquilos), cobras e lagartos, debaixo de um emaranhado de aranhas. Tucanos, pássaros-pretos, tizius, gurrichas, cambaxirras – um pássaro tão pequeno como beija-flores, com um ninho em forma de capucho e entrada por um pequeno furo – também são inquilinos. Minha grande alegria foi ver recentemente a volta de dois canários-chapinha habitando o mato.

O segundo é porque aqui nasci e onde aprendi as primeiras letras com professoras de Formiga e de Santo Antônio do Monte, residentes na própria fazenda. Passei aqui minha primeira infância, onde ordenhávamos vacas nas férias escolares; foi aqui que descobri a beleza do mundo natural. Aprendi a ler soletrando *Seleções* do Readers Digest carregada de ideologias, mas com descrições belíssimas das mais diversas paisagens, pelo menos isto eu salvei. Lembro-me de um livro com desenhos a bico de pena, em que um casal com seus dois filhos descia o rio São Francisco em vapor desde Pirapora, narrando-lhes o que viam e este foi meu primeiro contato escrito com o rio da minha aldeia, citando Fernando Pessoa. Havia também um velho atlas sobre ciências, geografia, enfim tudo, muitas gravuras e desenhos e pouco texto, como devem ser os atlas. Talvez venha daí meu gosto por eles e por expedições. E’ no casarão em Marins que estou nestas festas de fim de ano, revendo os dados e anotações, buscando informações. O sicômoro já velho de quinze anos tremula suas folhas lá fora, parecendo videiras ao vento junto à sebe da entrada. Ele surgiu de sementes que eu trouxe do Egito. Estou conversando com as coisas, com meu mundo, o mundo que me cerca. É aqui que converso com minhas árvores e recorro.

Daqui avisto as ralas matas cobrindo os topos calcários do Jatobá ao sul, e mais ao longe a serra de Pium-hi, a mata do Joaquim Batista ao norte coberta de neblina porque ainda é cedo, a mais fechada e escura mata original ainda existente no município, onde os bugios chamam a chuva aos berros e a neblina tudo cobre nas frias manhãs de inverno ou nos dias chuvosos do verão. Vejo a estrada do morro e a curva onde caí da carroça de rodas de madeira radiada e ferro que passaram sobre minha perna e meu irmão jogou terra para estancar o sangue; deste dia guardo na perna esquerda as cicatrizes. Lembro-me do burro Relógio puxando a carroça, e do Pampinha que galopava arfando logo atrás com pelo menos meia dúzia de meus irmãos montados em pêlo. Vejo o brejo a poucos passos daqui, coberto de taboas e lírios d'água que se deitam nas ventanias e temporais. Daqui ouço o coaxar dos sapos e rãs ao escurecer, uma singular sinfonia da natureza. Havia um que chamávamos de “sapo-ferreiro” ou “sapo-martelo”, devido ao coaxar alto, isolado, forte, compassado, no que o outro respondia de lá. Cobras enroscadas nas macegas à beira do brejo não nos metiam medo, e por ali andávamos à solta. Marrecos ariri, saracuras e frangos d'água faziam revoadas; pelas três da tarde eu saía a cavalo juntando as vacas paridas e os bezerros, ouvindo encantado as codornas, nhambus e perdizes levantando assustados vôos repentinos.

Hoje estão praticamente extintos devido ao uso de herbicida *Tordon* nas pastagens do lado de lá do brejo por um vizinho medieval, que somado a isto e após derrubar a última árvore para não sombrear o capim braquiária, não sente pejo em drenar o selvagem brejo e invadir propriedades alheias. Vejo num mapa que esta região consta como “alta aplicação de agrotóxicos/pesticidas” (Planvasf, 1988). Espalhados no chão a meus pés, estão mapas, um manual “Aves do Brasil” e de beija-flores do Augusto Ruschi, e Livros Vermelhos da flora e fauna em extinção, da Biodiversitas.

Aqui vivem meu irmão Alonso, sua mulher Fátima, o Fabrício e o Alisson, que faz agora engenharia de telecomunicações em Santa Rita do Sapucaí. Dentro em breve a mata secundária será registrada como reserva ambiental vitalícia: RPPN Vasco Vieira-Marins. Construirei aí uma capela de pedra de duas águas e alta torre, estilo alpino, em honra a três santos: João Batista – uma homenagem à pequena Luana, nascida nesta data -; Catarina de Alexandria - a donzela martirizada numa roda dentada nos primórdios do cristianismo e homenageada por Justiniano, construindo a fortaleza-mosteiro do Sinai -, e Maria Egípcíaca, a pecadora arrependida que refugiou-se entre leões nos arredores do mar Morto. Espero que eles ajudem a proteger minha mata, meus tamanduás, meus tucanos, meus serelepes, minhas aranhas... Como são três santos, haverá sempre um de plantão a cada oito horas e a mata e os bichos da mata estarão protegidos.

Aqui será o primeiro ponto de apoio para o Caminho do São Francisco por via terrestre no Circuito das Cabeceiras ou das Dez Cidades Mães.

Meu querido irmão Vasco morreu jovem e era aqui com ele e meus outros irmãos que corríamos livres à larga; é dele o nome deste pequeno mundo onde de vez em quando me escondo, como no último setembro, quando plantei 72 mudas de diferentes espécies de árvores trazidas do IEF em São Roque, dentre elas o angá, a sangra-d'água, o ipê, o jatobá, o jequitibá, o pau-d'óleo, o jacarandá, etc, além de 25 pinheiros-do-paraná que aqui se aclimatam bem. Nesses dias me embrenho pelo mato abrindo caminho nas teias de aranha em meio a macega, plantando mudas e lançando sementes. Hoje de novo isto ocorreu, e para minha surpresa vi uma revoada de tucanos: primeiro alçaram vôo quatro deles do goiabal, depois mais três que se juntaram nos ares, depois mais seis, e assim totalizaram dezoito bicudas aves em uma formação sincrônica.

### **Paisagem**

A paisagem dominante nessas sub-bacias é uma vegetação cobrindo um relevo movimentado, com suas variações locais de tensão ecológica, a transição mata atlântica e cerrado, reflexo dos vários tipos de rocha, de solo, do relevo e do clima. Vegetação rupestre ocorre na Canastra. O bioma cerrado ou savana com sua vegetação típica e relevo mais plano só vai ocorrer de Abaeté e Três Marias para baixo. Segundo Köpen, os cerrados tem o clima tropical AW, com precipitação pluviométrica variando entre 2.000 e 750 mm/ano, com duas estações bem definidas: uma estação seca, incluídos o outono e o inverno, e uma estação úmida e chuvosa, a primavera e o verão. Ocupando 23% do

território nacional, tem ocorrência desde o Paraná até Roraima em proporções variáveis. O cerrado aberto em topografia mais plana e solo arenoso é denominado *gerais*, que só vai ocorrer a partir do médio São Francisco.

A biodiversidade do cerrado é alta, necessitando de pesquisas científicas e aplicadas. Como exemplo cito uma planta comum por aqui, o açoita-cavalo, conhecida ainda como mutamba-preta e vatinga, árvore do gênero *Luhea*, da família das tiliáceas. Sua madeira um tanto dura, é usada para o fabrico de nada menos que aquelas conhecidas e caras cadeiras de origem austríaca Tonnet, uma vez que aceitam envergamento e enrodilhamento sem danos. Falando de móveis, uma árvore exótica adaptada no alto São Francisco é o vimeiro (*Salix viminalis*) e o salgueiro-chorão (*S. babilonica*), usados em movelaria e facilmente propagados por estaquia em pontos úmidos e beira de córregos, sem ser invasora. Em Santa Catarina no vale do rio Canoas, existe um programa denominado “Meninos do Vime”; conheço em Belo Horizonte uma oficina com o mesmo propósito. Plantios de açoita-cavalo e vimeiro são feitos no sul do país, sendo a pesquisa e aclimação das cerca de 400 espécies desta coordenadas pela Epagri.

Matas de galeria são comuns nesses córregos, porém vem sendo degradadas ultimamente. Mata de galeria é a vegetação florestal que acompanha os rios de pequeno porte e córregos, formando corredores fechados – galerias – sobre o curso d’água. Uma mata comum nestas cabeceiras não é nem de várzea nem de topo. A chamarei aqui de “mato dentro”, localmente chamados de capões e capoeiras: ela ocorre nas gargantas e grotões das elevações, formando bosques densos e compactos, em destaque o pau-d’óleo, cedro, jatobá, ipê, bálsamo, jequitibá, vinhático e outros, as copas elevadas em destaque na paisagem acantonada, entalada nos contrafortes montanhosos. Embaixo deste extrato surge uma vegetação arbustiva, com ocorrência de cipós, bromélias e orquídeas. Na transição das estações do inverno para a primavera, surgem novas folhas em tons vermelhos e marrons, e uma profusão de cores variegadas somadas ao canto dos pássaros marcam essas paisagens sombrias, muitas vezes fontes de regatos e córregos cristalinos.

A mata ciliar é a vegetação florestal que ocorre ao longo dos rios de médio e grande portes, em que a vegetação arbórea não forma galerias, ou seja, as coberturas de ambas as margens não se tocam. E’ exigido por lei que a largura das matas, em cada margem, seja proporcional à do leito ou calha do rio. Ainda cobre as margens do rio São Francisco e afluentes nesta região, porém vem sendo agredida a olhos vistos.

É urgente a necessidade de estender unidades de conservação abarcando toda esta região de nascentes de rios, assim como estudos detalhados dessas sub-bacias tão pequenas, mas fundamentais hidricamente, e de grande poder simbólico no contexto sãofranciscano.

### **Pescoço esfolado do Velho Chico**

Cada dia que visito o trecho Iguatama-Canastra, cerca de 125 km, constato a retirada das últimas matas de topo e dos brejos. Costumo chamar essa região de “pescoço esfolado do Velho Chico.” Vai aqui uma sugestão ao IEF e Ibama: ligar essas matas e áreas úmidas entre si com corredores ecológicos e toda a região em uma APA, além da criação do Parque Estadual da Mata de Pains, tudo interligado ao parque nacional.

Daí que não foi novidade para mim esta vistoria na companhia do comandante João Murilo da *PIPES*, e do senhor Célio Alves, funcionário da Prefeitura Municipal de Iguatama, em veículo cedido por esta, para vistoriar as nascentes (baixa vazão) e as condições das estradas de acesso em terra (em bom estado) até o P. N. da Serra da Canastra. Três pontes de madeira no trecho próximo a São João do Barreiro no acesso à Casca d’Anta, não permitem a passagem de ônibus trucados. Nesta região localizavam-se antigos garimpos de diamante, os primeiros e graves focos de agressão ambiental ao rio, felizmente paralizados pelo Ibama.

Uma empresa sul-africana vem desde 1998 fazendo pesquisas e prospecções de diamantes e outras gemas nos arredores da Casca d’Anta. Segundo um guia de São Roque, será uma mina subterrânea no olho de um vulcão extinto, já nos contrafortes do Chapadão da Babilônia, área de expansão do parque da Canastra. Haja riqueza e cobiça. São Roque de Minas, sede do parque, foi visitada rapidamente: os assessores do prefeito Cairo Manoel que estava ausente, Arnaldo Matos e Edson, informaram sobre eventos estaduais sobre os 500 anos na cidade e no parque nacional, de 28 de setembro a 4 de outubro.

Nesta noite à sombra da portentosa serra da Canastra, o comandante João Murilo, o senhor motorista Célio Alves e eu tiramos a poeira da goela com geladas cervejas, que ninguém é de ferro. Compramos alguns queijos

canastra e a boa pinga local. Antes de dormir dei uma olhada e melhorei o que vira neste dia, e rabisquei algumas idéias para não afundá-las no pesado sono daí a pouco. Ainda havia muita coisa para ser feita rio abaixo. Rio acima já fora bem visto.

No domingo, visitamos no Corumbá em Arcos na Mata de Pains, o Museu Arqueológico da CSN, inaugurado há cerca de três anos. É quiçá esta a área de mais intensa mineração calcária do país.

### Árvores ciliares

Árvores mais comuns que vegetam nas margens nos cursos d'água desta região: angá ou ingá, *Inga spp*; embaúba, *Cecropia pachystachya*; sangra d'água, *Cretom urucurana*; gameleira, *Ficus doliari*; tamboril, *Enterolobium contortisiliquum*; jatobá, *Hymenaea stigonocarpa*; pau d'óleo ou óleo copaíba, *Copaifera langsdorfii*; paineira, *Chorisia speciosa*; cambuí, *Myrcia sphaerocarpa*, árvore da família das mirtáceas, de folhas e frutinhas miúdas, uma das melhores fixadoras de barrancos nesta região, crescendo também nas pedras; quaresmeiras em profusão, *Tibouchina e Rhynchantera sp*, que são árvores e arbustos da família das melastomáceas ou melastomatáceas; bambu e cana do reino (bambuzinho).

Todas elas rio abaixo deixam cair às águas, com exceção da última, principalmente nas cheias anuais, frutinhas para os peixes e aves, sendo que uma parte delas germina espontaneamente. Caso elas sejam protegidas com cercas, logo logo dominam os barrancos. O problema é que são sistematicamente erradicadas anualmente ao limpar as pastagens e lavouras. Viveiros de mudas destas espécies, que deixam cair nas águas das cheias frutos para a avifauna e ictiofauna, devem ser incentivados. Anualmente, assim que surgem, são roçadas impiedosamente rio abaixo e rio acima, ficando apenas aquelas das quinas do barranco aqui e ali. Mas se deixá-las vicejarem, em dois-três anos já se formam bosques ciliares. Nascentes protegidas, viveiros de mudas e educação ambiental, garantem fontes perenes. As árvores indicadas neste e demais trechos são as que mais se destacam nos barrancos, existindo inúmeras outras espécies que aí vegetam. Torna-se necessário um amplo levantamento botânico visando catalogar todas as espécies ciliares nos vários biomas da bacia. Jamais devem ser tomadas como definitivas e únicas as indicações das espécies que a prática e o bom senso levam-me a indicar aqui; é puramente tentativa esta e as demais relações que virão.

#### Coordenadas geodésicas:

São Roque de Minas: 20° 14' 43" S e 46° 21' 57" W; altitude: 810m.

Serra da Canastra (distrito de S. R. de Minas): 20° 08' 48" S e 46° 39' 46" W; 1.200m.

São José do Barreiro (distrito de S. Roque): 20° 20' 45" S e 46° 28' 57" W; altitude: 900m.

Vargem Bonita: 20° 19' 37" LS e 46° 21' 57" WG; altitude 760m.

Medeiros: 19° 59' 41" S e 46° 13' 18" W; altitude: 950m.

Piui: 20° 27' 59" S e 45° 57' 26" W; altitude: 794m.

Doresópolis: 20° 17' 14" S e 45° 54' 11" W; altitude: 680m.

Iguatama: 20° 10' 28" S e 45° 42' 40" W; 660 m.

Garças de Minas (estação/bairro de Iguatama): 20° 11' 04" S e 45° 40' 59" W; altitude: 660m

Corguinhos: (distrito de Iguatama): 20° 15' 00" S e 45° 50' 14" W; altitude: 640m.

Bambuí: 20° 00' 24" S e 45° 58' 36" W; altitude: 700m.

Arcos: 20° 16' 56" S e 45° 32' 22" W; altitude: 740m.

Pains: 20° 22' 14" S e 45° 39' 41" W; altitude: 693m

Córrego Fundo: 20° 26' 55" S e 45° 33' 18" W; altitude: 840m.

São Roque de Minas,  
12 de agosto de 2001  
Marins (Iguatama), Natal de 2001